

## Personalidades psicopáticas: sofrem ou fazem sofrer

ALVINO AUGUSTO DE SÁ (\*)  
Psicólogo - SP

### Esquema

#### Introdução

1º) O conceito de Kurt Schneider sobre personalidades psicopáticas (análise da afirmação)

- a) As personalidades anormais;
- b) As personalidades psicopáticas;
- c) Neuroses e personalidades psicopáticas.

2º) O conceito de personalidade psicopática (consenso geral)

3º) Os aspectos polêmicos do conceito de Kurt Schneider (uma busca de justificativas)

- a) A abrangência do conceito e sua relação com a neurose;
- b) Os “tipos psicopáticos” de Schneider e seus respectivos tipos de conflitos;
- c) Personalidade psicopática sob a ótica psicanalítica.

#### Conclusão

#### Introdução

A afirmação que intitula o presente trabalho integra o conceito de Kurt Schneider sobre personalidades psicopáticas, exposto em seu livro “Las Personalidades Psicopáticas”, publicado pela primeira vez em 1923: “Personalidades Psicopáticas são aquelas personalidades que sofrem por sua anormalidade ou fazem sofrer, sob influência desta, a sociedade” (Schneider, 1974, pág. 32). O trabalho analisará a afirmação em epígrafe e para ela buscará justificativas, enquanto entendida no contexto, no sentido e nos termos da supra-citada conceituação de K. Schneider.

Tal conceituação de Schneider encerra alguns aspectos polêmicos. Começemos por citar a abrangência do conceito, a qual o tornaria um tanto quanto vago, ou muito genérico, visto que se estriba no conceito de “personalidade anormal”. O outro aspecto, eminentemente polêmico, que reputamos de maior importância, e que mais deterá nossa

(\*) Membro do Conselho Penitenciário do Estado de São Paulo.

atenção, é o reconhecimento do grupo de psicopatas que sofrem, reconhecimento este que vem chocar-se com outras formas de se conceituar personalidade psicopática, onde se acentua o caráter anti-social de sua conduta.

No primeiro item, exporemos o pensamento de K. Schneider, a partir de seu livro "Personalidades Psicopáticas" (7ª edição, 1974). Será uma análise da afirmação em epígrafe. No segundo item, abordaremos a forma de como a personalidade psicopática é atualmente conceituada, e suas características básicas comumente hoje reconhecidas. No terceiro, retomaremos os aspectos polêmicos do conceito de K. Schneider, buscando justificativas para sua afirmação, não no sentido de aceitá-la *in totum*, mas de procurar melhor compreendê-la, seja em seu contexto (alínea "a"), seja em sua coerência com a tipologia proposta pelo autor (alínea "b"), seja à luz da teoria psicanalítica (alínea "c").

### 1º) O conceito de Kurt Schneider sobre personalidades psicopáticas (análise da afirmação)

O conceito de Personalidade Psicopática, de Schneider, estriba-se no de "Personalidades Anormais", a ele se subordina, e a ele, portanto, nos reportaremos inicialmente.

#### a) As personalidades anormais

Segundo Schneider, a personalidade de um homem é o conjunto de seus sentimentos e valorizações, de suas tendências e volições. Não inclui, portanto, a inteligência. Distinguem-se, segundo ele, na individualidade: a inteligência, a personalidade e o conjunto dos sentimentos e instintos corporais e vitais. Tais instâncias referem-se, pois, a disposições distintas (intelectual, psíquica e corpórea), mas que se inter-relacionam.

"As personalidades anormais são variações, desvios de um campo médio das personalidades, campo esse imaginado por nós, porém, não determinável com exatidão" (pág. 31).

Portanto, as "personalidades anormais" são variações, desvios de sentimentos, valorizações, tendências e volições. Desvios em relação a um termo médio, esperado, entendido como normal. E o critério de normalidade poderá ser: ou quantitativo, a partir da frequência, sendo normal o comportamento mais recorrente; ou subjetivo, a partir de uma norma de valor, sendo normal o comportamento positivamente valorizado. Embora reconheça a interpenetração de ambos os critérios, Schneider entende que, numa perspectiva científica, deva-se priorizar o critério quantitativo. Isto, como idéia diretriz, para que não se fique à mercê de casuísmos e subjetivismos até mesmo subculturais e totalmente circunstanciais. O critério ético-valorativo não oferece, segundo ele, respaldo para uma abordagem científica.

Vale lembrar que os desvios acima referidos podem se fazer tanto para cima, como para baixo, sendo, portanto, indiferente (para o conceito, em si, de personalidade anormal) que eles correspondam a valores éticos positivos ou negativos. Assim, todas as personalidades que sejam de alguma forma singulares e estranhas (santos, grandes poetas, criminosos desalmados) devem ser reconhecidas como anormais, segundo Schneider.

#### b) As personalidades psicopáticas

Reportemo-nos ao conceito de personalidades psicopáticas, de K. Schneider, já enunciado na introdução. O autor reconhece a arbitrariedade da delimitação proporcionada por esse conceito, mas reconhece também a vantagem de, através dele, se identificarem e se distinguem duas grandes formas de personalidades psicopáticas: aquelas que sofrem e aquelas que fazem sofrer os outros, isto é, os perturbadores sociais (havendo aqui a introdução de uma ótica valorativa). São dois grupos que, embora distintos, não são muito precisos, muitas vezes, os limites que os separam, pois há "sofredores" que acabam por se or perturbadores e há perturbadores que acabam por sofrer, eles próprios.

Importante é aduzir aqui a explicação que o próprio Schneider dá desse "sofrer" do primeiro grupo. "Não se trata de um "sofrer" como conseqüência da anormalidade, no sentido em que sofrem os associas pelo choque com a sociedade, mas sim de sofrer pela própria anomalia da personalidade" (pág. 32). Por conseguinte, as personalidades psicopáticas que sofrem, sofrem por seus próprios conflitos internos, inerentes à sua anomalia. De fato, segundo Schneider, os psicopatas, por forças da anomalia, acabam desenvolvendo conflitos internos (no caso do primeiro grupo), ou externos (no caso do segundo grupo, o dos perturbadores). É importante ressaltar o que, aliás, está explícito no pensamento de Schneider: trata-se de um sofrimento inerente à própria anomalia. Em vista disso, não nos parece correta a interpretação que se ouve dar, por parte de autoridades em criminologia, a esse conceito de Schneider, entendendo tratar-se de um sofrimento, por parte do psicopata, que seria decorrente dos prejuízos referentes às punições, penas, perdas materiais, etc. É incoerente interpretar desta forma o conceito, ao se verificar que o autor, ao conceituar, postula exatamente os dois grupos, reconhecendo-os ao menos teoricamente distintos, o dos "sofredores" e o dos "perturbadores". A interpretação acima, que estamos refutando, supõe a proposição de um só grupo, o dos psicopatas que sofrem "e" fazem sofrer a sociedade (conjunção aditiva). Nesta concepção, uma coisa, o "sofrer" por parte do psicopata, seria decorrente das conseqüências da outra, o "fazer sofrer a sociedade", e isto Schneider rechaça explicitamente.

Indispensável é salientar que o "sofrer" ou "fazer sofrer" são condições que, por si mesmas, não definem as personalidades psicopáticas. O conceito de personalidades psicopáticas subordina-se ao conceito superior de personalidade anormal, este isento de conotações valorativas ou sociológicas. O perturbador social só será um psicopata se for uma "personalidade anormal". A condição de perturbador social, em si, é aspecto secundário, estando sujeito a conotações valorativas e sociológicas. "Os psicopatas são personalidades anormais que, em conseqüência da anormalidade de sua personalidade, têm que chegar mais ou menos, em toda situação vital, sob a influência dos mais diversos tipos de circunstâncias, a conflitos internos e externos" (pág. 34).

#### c) Neuroses e personalidades psicopáticas

No estudo da personalidade, K. Schneider distingue, de um lado, a disposição permanente da mesma, a sua dimensão constitucional, que é pré-existente às vivências; de outro lado, as vivências, as experiências, as reações. A psicopatia associa-se à disposição; a neurose, às vivências. As neuroses são reações anormais às vivências, a vivências externas ou a vivências internas (conflitos), ambas entrelaçadas. Entretanto (e aqui está um dos pontos-chaves da questão, a nosso ver), o terreno fértil para o desenvolvimento das neuroses, segundo Schneider, são exatamente as psicopatias, de tal sorte que as neuroses acabam se desenvolvendo quase que sempre sobre uma base psicopática e têm nela uma de suas condições. "As neuroses... se desenvolvem sempre em personalidades psicopáticas, disposicionalmente anormais, e têm, nelas, ao menos uma de suas condições (causa-nos espanto o fato de não se dar a isto a devida importância)" (pág. 92).

Dai, pode-se até pensar que, para Schneider, as neuroses não constituiriam necessariamente um grupo nosológico independente, de vez que encontram suas raízes nas psicopatias. Elas se constituiriam como que em expressões (ao nível de padrões reativos anormais a vivências), de padrões disposicionais anormais. Aliás, o autor em foco diz explicitamente que, ele mesmo, nunca fala em "neuroses", tratando-se (a seu ver, naquela época, evidentemente), de uma expressão enganosa e infeliz. Ele prefere o termo, já acima referido, "reações anormais a vivências". "Muito freqüentemente, todo o tipo de reações anormais a vivências guarda relação com determinadas personalidades psicopáticas: as reações a conflitos internos guardam relação, sobretudo, com os inseguros de si mesmos" (pág. 94). Pela frase acima, somos levados a subentender que Schneider pretende, ao final, che-

gar a uma relação de correspondência entre os diversos tipos de reações anormais a vivências, ou seja, das assim chamadas "neuroses", e os tipos psicopáticos por ele definidos. E, justamente, refere-se especificamente às neuroses que se caracterizam por reações anormais a vivências internas, relacionando-as com o tipo psicopático "inseguros de si mesmos".

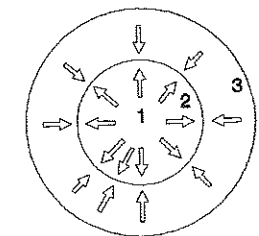
## 2º) O Conceito de personalidade psicopática (consenso geral)

O conceito de personalidade psicopática sempre foi muito polêmico. Hoje, embora não deixe de ser polêmico, existe sobre ele um consenso geral, principalmente no que diz respeito ao aspecto das características centrais e mais freqüentes da personalidade psicopática. E, como nota marcante dentro desse consenso, está o reconhecimento da presença de dificuldades nucleares de adaptação social e da tendência nuclear à conduta anti-social. No consenso atual, a anti-socialidade é reconhecida como traço central da psicopatia, de tal sorte que, embora não seja suficiente, é essencial e necessária para que se possa fazer um diagnóstico desse quadro. E tal é sua importância como traço essencial, que a Associação Psiquiátrica Americana ("Diagnostic and Statistic Manual") e a Organização Mundial da Saúde (Classificação Internacional de Doenças) adotaram oficialmente o termo "Personalidade Anti-Social" para designar as personalidades psicopáticas. Maranhão (1981a) adota as expressões "personalidade psicopática" e "personalidade anti-social" como referentes a um mesmo quadro clínico ou entidade nosográfica. Segundo esse autor, as personalidades anti-sociais "caracterizam-se por entrar em repetidos conflitos com a sociedade, ser desleais com os outros, ignorar códigos e valores de sua cultura, agir segundo desejos e impulsos descontrolados e não aprender pela experiência e pelo castigo" (pág. 1). Lê-se ainda em Maranhão (1981b): "Desde 1968, a Associação Psiquiátrica Brasileira vem adotando uma tradução adaptada do 'Manual Diagnóstico e Estatístico' onde igualmente se encontra o conceito de personalidade anti-social" - "301.7". "Este termo é reservado para indivíduos basicamente insocializáveis, e cujo padrão de comportamento os coloca repetidamente em conflito com a sociedade. São incapazes de lealdade significativa para com os indivíduos, grupos ou valores sociais. São manifestamente egoístas, rudes, irresponsáveis, impulsivos e incapazes de sentir culpa ou aprender com a experiência e o castigo..." (pág. 79)."

A psicopatia é um defeito constitucional do caráter. O caráter é a dimensão da personalidade moldada pela experiência. Refere-se à vontade, à capacidade de autodeterminação, à integração dos valores morais e da ética, estando, pois, diretamente comprometido com a capacidade de adaptação ao grupo social, ao ambiente, ao trabalho, etc. Se a psicopatia, então, é um defeito constitucional que impede o desenvolvimento do caráter, ela implicará um profundo comprometimento de tudo o que diz respeito ao caráter, conforme dito acima. Os psicopatas são incapazes de aprender pela experiência, inclusive pelo castigo. Não temem represálias. São incapazes de seguir um plano de vida, vivendo quase que só o momento presente, numa visão hedonista e egocêntrica da vida. Segundo a psiquiatria, são incapazes de amar, de estabelecer vínculos afetivos. No relacionamento sexual, tratam o outro como objeto, ostentando, não raras vezes, aberrações sexuais. Em função de tudo isso, sobretudo da falta de amor, cabe destacar a outra característica fundamental dos psicopatas: a ausência do sentimento de culpa. Daí, reconhece-se comumente que eles não sofrem de conflitos internos. O conflito interno é próprio, é característico dos neuróticos, não dos psicopatas. Ainda em função de tudo isso, os psicopatas não têm ética social e nem apresentam qualquer forma de lealdade. Não apresentam prejuízo na capacidade de entendimento do caráter ilícito de seus atos, mas sim um sério prejuízo em sua capacidade de autodeterminação.

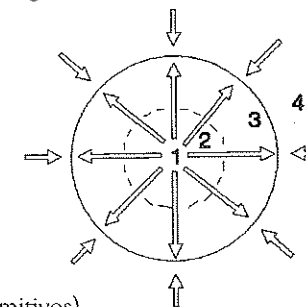
Portanto, a psicopatia é uma entidade nosológica que se opõe frontalmente à neurose. Esta implica presença de profundos conflitos, e não conflitos primeiramente com o ambiente, mas conflitos internos justamente pelo seu ingrediente essencial, que é o sentimento de culpa. A neurose se traduz pelo conflito entre as exigências de gratificações instintivas e as forças de oposição do ego, alimentadas pelos imperativos do superego. Já a psicopatia implica conflitos do indivíduo com o grupo social, exatamente em função do caráter anti-social de sua conduta. Tal oposição se ilustra muito bem no diagrama de Jenkins, conforme se vê abaixo (transcrito de Maranhão, 1993).

**Neurótico:** O conflito é interno (oposição entre o id e as outras instâncias do aparelho psíquico); sofre internamente.



- 1 = "ID" (Impulsos Primitivos)
- 2 = "SUPEREGO" (Contenção)
- 3 = "EGO" (Consciente)
- 4 = MEIO EXTERIOR (Extragrupal)

**Psicopata:** O conflito é externo (oposição entre o indivíduo e o meio, pela atitude de ataque do primeiro contra o segundo); faz sofrer o ambiente.



- 1 = "ID" (Impulsos Primitivos)
- 2 = "SUPEREGO" (Contenção)
- 3 = "EGO" (Consciente)
- 4 = MEIO EXTERIOR (Extragrupal)

## 3º) Os aspectos polêmicos do conceito de Kurt Schneider (uma busca de justificativas)

Retomemos, por fim, os aspectos polêmicos do conceito de Schneider, procurando compreendê-lo, sobretudo à luz do próprio pensamento de Schneider, mas também à luz da teoria psicanalítica. Os aspectos a que nos referiremos são a abrangência (e conseqüente imprecisão) do conceito e, principalmente, a afirmação de que os psicopatas também sofrem.

### a) A abrangência do conceito e sua relação com a neurose

Diz J.A. Garcia (1979), referindo-se à definição formulada por Schneider: "Sua definição de personalidade psicopática é irrelevante. Nela cabem a esquizofrenia, a gripe e a fratura do colo do fêmur. Todos os doentes sofrem e fazem sofrer os seus, a sociedade, a economia interna e a comunal. É o próprio autor quem escreve que as personalidades psicopáticas não são doentes, nem mesmo enfermos mentais... De que sofrem, então? Por que fazem sofrer, se Kurt Schneider nega ao psicopata qualquer minusvalia moral?" (Pág. 200).

Vimos aí J.A. Garcia criticando veementemente a formulação de Schneider, exatamente em função dos aspectos por nós acima reconhecidos como polêmicos. Entretanto, sua crítica, em nosso modesto entender, não chega a ser de todo justa e correta, no que tange à abrangência. De fato, Schneider, entre as três instâncias da individualidade por ele reconhecidas (inteligência, personalidade e conjunto dos sentimentos e instintos corporais e vitais), situa a psicopatia como anomalia da personalidade, dizendo nada se saber, então, com certeza científica, sobre possíveis bases corpóreas suas. Por isso mesmo, ela não é, em seu entender, uma enfermidade, uma doença. Se ela não é uma doença, uma enfermidade, se ela não se dá no corpo, não pode ser confundida com uma gripe ou fratura do colo do fêmur. Ademais, por não se constituírem em enfermidades, as personalidades anormais (e psicopáticas), diz Schneider, não são patológicas. Constituem-se, isto sim, em variações em relação a um termo médio. As psicoses esquizofrênicas e ciclotímicas, estas sim, são patológicas (ver págs. 36-41). Ao comparar psicopatias e psicoses (ver págs. 96-104), Schneider discorda da posição (como a que se depreende da tipologia de Kretschmer) de se verem entre elas simples diferenças de graduação, não reconhecendo aí estados transicionais. E tudo isso a partir de seu conceito de personalidades psicopáticas, que implica diretamente o de personalidades anormais (ver acima o conceito de personalidades anormais). As psicoses não são simplesmente desvios (de tendências, sentimentos, etc.) em relação a um termo médio, mas sim todo um processo de desorganização da personalidade e de ruptura com o "normal". Daí, não ser de todo correta, a nosso ver, a crítica de Garcia, também quando pretende aproximar a definição de personalidade psicopática, de Schneider, com a de esquizofrenia.

É muito importante lembrar o que diz Schneider: o conceito de psicopatia subordina-se ao conceito superior de personalidades anormais. Se o conceito de personalidades anormais exclui as enfermidades e psicoses, não exclui, a nosso ver, as neuroses. Estas são para Schneider, como já vimos, reações anormais a vivências, a experiências, externas ou internas. Como reações anormais, elas podem ser entendidas como desvios de sentimentos, de tendências e volições, ou seja, podem ser entendidas como manifestações de personalidades anormais. Por conseguinte, estas abrangeriam psicopatias e neuroses. Interessamos, no entanto, mais de perto a relação entre psicopatia e neurose, tal como a discutimos no primeiro item. Se não é tranqüilo afirmar que o conceito de psicopatia abrange o de neurose, vimos, por outro lado, que, no entender de Schneider, a primeira é condição para ocorrência da segunda, sendo que esta encontra naquela as suas raízes. Portanto, não há que se falar, em absoluto, de oposição entre ambas, oposição esta que se impõe reconhecer no consenso geral atual sobre o conceito de psicopatia. Pelo contrário, são manifestações que guardam entre si perfeita relação de continuidade, interpenetração. Ora, esta interdependência, esta interpenetração entre psicopatia e neurose, no pensamento de Schneider, têm para nós particular interesse na busca de compreensão do segundo aspecto polêmico de sua afirmação, ou seja, no reconhecimento de que a psicopatia pode implicar sofrimento do próprio psicopata e, conseqüentemente, conflitos internos.

De fato, como pode o psicopata sofrer internamente, ter conflitos internos; uma vez que não tem amor, não tem sentimento de culpa, nem ética, é egocêntrico, hedonista, guia-se unicamente em função de seus próprios interesses, sem nenhuma sensibilidade

pelos problemas e interesses dos outros? Não há como conciliar a presença de sofrimentos e conflitos e o conceito de psicopatia (consenso geral). A crítica de J. A. Garcia levanta essa questão. E o sofrimento que Schneider afirma existir no psicopata é inerente, segundo ele, conforme vimos, à própria anomalia da personalidade. Como compreender e justificar, então, esse aspecto polêmico, na linha do pensamento de Schneider?

A principal forma de compreensão e justificativa do mesmo, encontramos-la, segundo nosso entendimento, exatamente na aproximação e continuidade que Schneider estabelece entre psicopatia e neurose e na interpenetração que reconhece existir entre ambas. Pelo consenso geral, a neurose implica conflito interior (sofrimento), enquanto psicopatia implica conflito com o meio ambiente (fazendo sofrer), sendo que ambas se opõem e mutuamente se excluem. Para Schneider, ambas se diferenciam, na medida unicamente em que as neuroses, enquanto reações anormais e vivências, referem-se a aspectos de plasticidade (reversibilidade, mutabilidade), ao passo que as psicopatias referem-se a aspectos disposicionais (irreversíveis, estáveis) da personalidade. De forma alguma, porém, se opõem. As neuroses só existem se, para tanto, houver uma base psicopática. É oportuno retomarmos a seguinte frase de Schneider, por nós já citada anteriormente neste trabalho (1<sup>a</sup>, "c"): "Muito freqüentemente, todo o tipo de reações anormais a vivências guarda relação com determinadas personalidades psicopáticas: as reações a conflitos internos guardam relação, sobretudo, com os inseguros de si mesmos" (pág.94). Deduz-se que, na linha do pensamento de Schneider, há certos tipos de psicopatias que servem de base para o desenvolvimento de certos tipos de neuroses. Assim, por exemplo, os psicopatas "inseguros de si mesmos" tendem a desenvolver reações anormais a conflitos internos. Daí, poderíamos concluir haver alguns tipos de psicopatias que, exatamente por terem essa característica de servirem de base para o desenvolvimento de neuroses, vão constituir justamente o grupo dos psicopatas que sofrem. E sofrem, não em conseqüência dos resultados de seus atos, mas em função da própria anomalia de sua personalidade. Assim, o "sofrer" e o "fazer sofrer", no pensamento de Schneider, podem até se excluir, na medida em que se apresentam como manifestações alternativas das psicopatias e referindo-se a dois grupos distintos das mesmas. Constituem-se, no entanto, em duas formas de manifestação psicopática (sempre subordinadas ao conceito superior de personalidades anormais): a primeira, referindo-se às psicopatias que servem de base a manifestações neuróticas, e, a segunda, às demais.

### b) Os "tipos psicopáticos" de Schneider e seus respectivos tipos de conflitos

Na linha da interpretação que acabamos de fazer acima, é interessante verificar se os "tipos psicopáticos" de Schneider podem ser encaixados nesses dois grandes grupos, o dos "sofredores" e o dos "perturbadores". Corresponderia o primeiro ao grupo dos que apresentam conflitos internos, ou seja, cuja psicopatia estaria atrelada a um quadro neurótico, servindo-lhe de base. Já o segundo corresponderia ao grupo dos que não sofrem internamente, mas partem isto sim, para um conflito amplo e aberto com o meio ambiente, ao qual atacam e fazem sofrer.

Ora, exatamente isso é o que nossa análise nos permitiu verificar, pelo menos à guisa de uma modesta proposta. Assim, entre os que sofrem, entendemos poder enquadrar os seguintes tipos psicopáticos de Schneider: os depressivos, os inseguros de si mesmos e os astênicos. A sintomatologia desses grupos aproxima-se muito dos quadros neuróticos e muito se distancia do quadro clínico das personalidades psicopáticas, na linha de seu conceito assumido pelo consenso geral. Os demais tipos psicopáticos correspondem aos perturbadores sociais. São eles: os hipertímicos, os fanáticos, os carentes de estima, os instáveis, os explosivos, os apáticos e os abúlicos.

Vê-se pois que a tipologia proposta por Schneider é coerente com seu conceito de personalidades psicopáticas. Daí, as restrições ao seu conceito devem se estender, por questão de coerência, à sua tipologia. Penso que, se não admitimos que os psicopatas tam-

bém podem ser sofredores e portadores de conflitos internos, se não admitimos que as neuroses têm suas raízes nas psicopatias e com elas se entrelaçam, também não podemos admitir como realmente psicopáticos todos os tipos propostos por Schneider. É melhor assim, do que se tentar dar à definição do autor uma interpretação que, *data venia*, pensamos não ser a mais correta.

### c) Personalidade psicopática sob a ótica psicanalítica

Poderíamos ter encerrado o presente trabalho na alínea anterior, uma vez que nossa preocupação é abordar a afirmação em epígrafe dentro da coerência do próprio pensamento de Schneider. Entretanto, só para fins de complementação, reportar-nos-emos rapidamente a uma compreensão psicanalítica da psicopatia, baseando-nos sobretudo em Coderch (1975), em Rafael Paz (1971), e também em M. Klein (1934).

Dentro de uma concepção psicodinâmica, o psicopata é portador de um instinto de morte por demais intenso, que origina uma ansiedade igualmente muito intensa, que corresponde a um medo de ser destruído, medo de destruição interna. Para se defender, o psicopata projeta no objeto externo, no ambiente, esse seu instinto agressivo, conservando, porém, parte dele dentro de si mesmo. Daí, o outro passa a ser sentido como muito perigoso, como terrível ameaça, desenvolvendo-se então uma intensa ansiedade persecutória.

Além disso, o psicopata é portador de forte e profunda inveja em relação ao outro, da qual ele se defende, projetando-a no outro, bem como “esvaziando” o outro de qualquer valor.

O psicopata torna-se um autêntico narcisista. “Esvazia” o outro de qualquer valor, atribui-lhe a culpa de todos os males, transforma-o em objeto de suas satisfações, sente-se onipotente, independente, não necessitado de ninguém, detentor somente de direitos, sem obrigação alguma para com os outros.

Dessa forma, o psicopata defende-se onipotentemente de duas grandes ameaças ao seu equilíbrio interno: a ansiedade persecutória intensa e o intenso sentimento de culpa. Nega a ambos, não chegando a sofrê-los no plano consciente. Recalca qualquer forma de amor (voltando para si mesmo toda a sua libido, de forma narcisista), bem como recalca qualquer sentimento de culpa. Consegue assim manter seu precário equilíbrio, um equilíbrio psicopático. A adesão aos valores sociais, à ética, o amor aos outros e o reconhecimento de seus valores constituem-se em sérias ameaças de rompimento desse equilíbrio, graças ao que mantém-se em sua posição narcisista e onipotentemente defensiva. O psicopata, segundo Rafael Paz, é portador de “ansiedades psicopáticas intensas” (pág. 287), das quais se defende através da peremptoriedade, da incontinência de seus atos, de forma narcisista e onipotente.

Conclui-se pois que, segundo a concepção psicodinâmica, é portador de um forte potencial de ansiedade, de temores, de conflitos e de sentimentos de culpa, dos quais se defende onipotentemente, através de poderosos mecanismos de defesa, sobretudo os de projeção e negação. É uma concepção que, propriamente falando, não vem dar total respaldo ao conceito de Schneider sobre personalidade psicopática, quando ele reconhece os dois grupos de psicopatas, o dos “sofredores” e o dos “perturbadores” (sofrem ou fazem sofrer a sociedade). Viria, isto sim, apoiar a idéia de que as personalidades psicopatas são personalidades anormais que, latentemente, inconscientemente, sofrem muito de intensas ansiedades, de intensos conflitos, sendo que, no entanto, no plano manifesto, consciente, como forma de defesa onipotente contra tais sofrimentos, peremptoriamente fazem sofrer a sociedade.

### Conclusão

Nossa intenção foi, como já dissemos, fazer uma análise da afirmação de Schneider sobre as personalidades psicopáticas, buscando-lhe justificativa, sempre na linha do pró-

prio pensamento do autor. Seu conceito distingue dois grupos de psicopatas: o dos que sofrem, sendo portadores de conflitos internos, e o dos que fazem sofrer a sociedade, provocando conflitos externos. Sem dúvida, os psicopatas sofrem as conseqüências de seus próprios atos, isto é óbvio, mas, como vimos, não é isto que está implícito no conceito de Schneider, e sim um sofrimento que é inerente à própria anomalia da personalidade. Se, no conceito de psicopatia assumido atualmente pelo consenso geral, a anti-socialidade da conduta é elemento essencial, opondo-se tal conceito à neurose e excluindo os conflitos internos, o mesmo não se dá no conceito proposto por Schneider e em sua compreensão do que seja psicopatia, reconhecendo estarem na mesma as raízes das neuroses. Sua tipologia reflete essa sua forma de conceituar e entender as psicopatias, reflete a distinção que faz dois grupos de psicopatas, o dos “sofredores” e o dos “perturbadores”, bem como reflete a interdependência e entrelaçamento entre certos tipo de psicopatias e certos quadros neuróticos.

Sem dúvida alguma, com o consenso geral que hoje se tem sobre os conceito de personalidade psicopática, nega-se no psicopata qualquer sentimento mais nobre; nega-se o amor, a ética social, nega-se o sentimento de culpa, nega-se o conflito interno, nega-se o sofrimento como inerente à própria anormalidade. Psicopatia e neurose excluem-se mutuamente. Mas, seria mesmo o psicopata um “monstro humano”, que absolutamente não sofre e não tem conflitos? Por certo, o posicionamento de Schneider sobre as bases psicopáticas das neuroses não tem mais acolhida hoje. Entretanto, para grandes pensadores, grandes intuições. A negação da existência de sentimentos mais nobres ou construtivos (amor, ética, culpa e, conforme o caso, os próprios conflitos) fulcra-se em sua não observação, ao nível manifesto. Entretanto, nem tudo que não é passível de observação, nem por isso mesmo inexistente. Ao menos, é o que nos fazem supor os postulados psicanalíticos sobre o recalque, projeção, negação e também sobre outros poderosos mecanismos de defesa. O conceito de personalidade psicopática, admitido pelo consenso geral, e que vê no psicopata o perturbador social por excelência, frio e inescrupuloso merece sem dúvida todo o respeito. Não deve ser olvidada, no entanto, a ótica psicanalítica, que nos abre perspectivas para se perscrutar no psicopata (para além de suas tendências anti-sociais, reconhecidas como disposicionais) a sua plasticidade psíquica, e se descobrir nele o seu lado também humano, de quem tem sentimento de culpa, tem os mínimos rudimentos de ética, e de quem, portanto, ao encobrir, disfarçar ou mesmo recalcar todos esses componentes de seu lado humano, pode estar encobrindo, ou mesmo recalcando, inclusive ou sobretudo para si próprio, os seus próprios sofrimentos e conflitos.

### Bibliografia

- 1 - CODERCH, Juan - “Psiquiatria Dinâmica” - Editorial Herder, Barcelona, 1975, cap. X.
- 2 - GARCIA, J. Alves - “Psicopatologia Forense” - Forense, RJ, 1979, cap. XIII.
- 3 - KLEIN, Melanie - Sobre a Criminalidade, 1934, in “Contribuições à Psicanálise” - Editora Mestre Jou, São Paulo, 1981.
- 4 - MARANHÃO, Odon Ramos - “Personalidades Anti-Sociais” (Aspectos da Controvérsia - Tese para Concurso de Professor Titular do Departamento de Medicina Forense, da Faculdade de Direito da USP), São Paulo, 1981a.
- 5 - Idem - “Psicologia do Crime” - 2ª ed. modificada - Editora Malheiros, São Paulo, 1993.
- 6 - RAFAEL PAZ, José - “Psicopatologia: Sus Fundamentos Dinâmicos” - Editorial Galerna S.R.L., Buenos Aires, 1971, cap. V, 7.
- 7 - SCHNEIDER, Kurt - “Las Personalidades Psicopáticas” - Ediciones Morata S.A., Madrid, 1974.